



Vol. XVI, nº 20, Edição
trimestral, Abril, Maio,
Junho, 2022.
ISSN 14133434

**Boletim do
Arquivo Histórico
de Joinville**



Sumário

Editorial

Giane Maria de Souza

5

Arquivo Histórico de Joinville - Algumas Histórias

7

O AHJ e o Arte na Cuca

Giane Maria de Souza

8

AHJ nas Redes

10

Pesquisadores e o AHJ

13

Emigração suíça para o Brasil de 1888 a 2001

Magda Kaspar

14

A “Sociedade de Agricultura e Criação de Joinville” e seu periódico: veículo da higienização e do modus operandi moderno (1933 – 1937)

23

Wesley dos Santos Graper



História Institucional	30
Entrevista, Apolinário Ternes	
Giane Maria de Souza	31
Educação Patrimonial e Difusão Cultural	37
O retorno das visitas escolares no AHJ	
Giane Maria de Souza e Rodrigo Boçoen	38
Divulgação científica do AHJ	43
Mesa Redonda 50 anos do Arquivo Histórico de Joinville: história, memória e cidade	
	44
Arquivo Histórico 50 anos	48
Professores e o Arquivo	52
Artefato Cultural	57
Aquarela de Raul Walter da Luz	58
Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ	60



Memória do Boletim	63
Subsídios históricos – Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862	64
Rosa Herkenhoff	
O Arquivo e a Cidade	66
Visitas técnicas no AHJ	67
Aconteceu em Joinville	70
Você já foi ao cinema este mês?	71
Giane Maria de Souza	
Por Dentro do Acervo	73
Expediente	75

A photograph of a modern building at night, illuminated by warm lights. The building features a mix of brick and concrete, with large windows and a prominent concrete pillar. In the foreground, a large, white, abstract sculpture is visible. The word "Editorial" is overlaid in white text on the left side of the image.

Editorial

Editorial

Por Giane Maria de Souza.

O ano de 2022 começou no Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) com muitas programações agendadas em alusão ao cinquentenário da instituição. De janeiro a março, os técnicos do AHJ organizaram e coordenaram todas as atividades comemorativas, concomitantemente aos afazeres do trabalho técnico contínuo. Com uma equipe reduzida, mas com a responsabilidade de comemorar e refletir sobre os 50 anos de existência do AHJ, os profissionais organizaram no dia do aniversário do AHJ, 20 de março, uma série de visitas ao acervo permanente da instituição. As famosas águas de março não atrapalharam a comemoração, e o público pôde prestigiar a arquitetura modernista do AHJ, além de assistir a apresentações culturais durante o dia inteiro na Avenida Hermann August Lepper e no vão livre do AHJ.

O Boletim n.º 20 traz em sua edição, além dos preparativos e das atividades profissionais realizadas antecedentes à data comemorativa, um registro histórico valioso do dia do aniversário de 50 anos, data icônica para o AHJ, instituição criada com muita luta e por obstinação do senhor Bernardo Adolfo Schneider. O Boletim ainda traz muitas interfaces de pesquisadores e professores com o AHJ, além de um pequeno retrato das visitas educativas ao Arquivo. Dentre as seções, destaca-se a relação dos pesquisadores com o AHJ, com a contribuição do artigo de Magda Kasper sobre a emigração da Suíça para o Brasil, em português e alemão, e também entrevista com o historiador Apolinário Ternes, ex-diretor da instituição.

Entre o acervo, o arquivo e as histórias e memórias do município, lembramos e agradecemos a todos que auxiliaram e contribuíram para construir os 50 anos do AHJ, sobretudo as múltiplas comunidades que vivem e viveram para erigir essa história.

Figura 1 – Equipe técnica comemora o aniversário do AHJ



Fonte: Francine Olsen



Arquivo Histórico de Joinville

Algumas Histórias



Edição trimestral
Abril, Maio, Junho,
nº 16. Ano 2021

**Boletim do
Arquivo Histórico
de Joinville**

○ AHJ e o Arte na Cuca

Giane Maria de Souza

Doutora em história pela UFSC e educadora do AHJ Especialista em Metodologia do Ensino

O site de formação em Cultura, apesar de não dar lucros aos seus criadores – Celiane Neitsch, arte educadora, e Walmer Bittencourt Jr., designer gráfico, bacharel em Cinema –, é um espaço de memória virtual, criativo, muito bem estruturado e resultado de muito trabalho, perseverança e resiliência.

Faz uns dois anos que o setor de Educação do AHJ iniciou uma parceria com o site, ou melhor, com os seus fundadores, porque atrás de cada espaço e lugar de memória, seja ele físico ou virtual, existem pessoas que trabalham para os projetos saírem do papel. Alguns projetos aconteceram, como o Conversas Virtuais com o Arquivo Histórico, uma série de lives que permitiu ao AHJ, pela primeira vez em seus 50 anos de existência, utilizar os recursos da web para difundir e refletir sobre o seu acervo. Ainda que anos atrás o AHJ tenha sido divulgado por meio de um site eletrônico, hoje desativado, à época mantido com recursos dos seus técnicos e gestores, foi a primeira vez que fizemos debates públicos em torno das diferentes tipologias do acervo do AHJ, com recursos da Lei Aldir Blanc. O Boletim do AHJ, depois de 16 anos, foi retomado graças ao Arte na Cuca e ao trabalho obstinado da Celiane Neitsh e Walmer Bittencourt Jr. Uma bela parceria do AHJ com o Arte na Cuca, um ciclo de aprendizagem coletiva, tanto para os servidores do AHJ quanto para os mediadores culturais pois descobrimos que, sem ajuda coletiva, não saímos do lugar, portanto, o Boletim do AHJ continuará, pois a cidade de Joinville por meio do acervo do AHJ ainda possui muitas histórias para serem desvendadas.



AHJ nas Redes

AHJ nas Redes

Se você quiser conferir as exposições antigas do AHJ, procurar informações sobre o acervo, agendar uma visita escolar ou ler os boletins do AHJ, você pode acessar o site da Prefeitura Municipal de Joinville.

Figura 2 — Imagem da página da PMJ destinada ao AHJ



Fonte: <https://www.joinville.sc.gov.br/institucional/secult/upm/ahi/>

Figuras 3 e 4 — Imagens do facebook do coordenador Dilney Cunha



Fonte: acervo pessoal de Dilney Cunha

AHJ nas Redes

Figura 5 — Juliana Filippe - coordenadora da Escola do Legislativo, Giane Maria de Souza e Dilney Cunha do AHJ e Luana Santos de Oliveira - secretária legislativa da Escola do Legislativo



Fonte: acervo pessoal Juliana Filippe

Figura 6 — Dilney Cunha fala na seção Palavra Livre na Câmara de Vereadores de Joinville sobre o aniversário do AHJ



Fonte: acervo Câmara de Vereadores de Joinville (CVJ)

A photograph of a modern building at night, illuminated by warm lights. In the foreground, a person wearing a white lab coat is seen from the side, holding a dark object. The building has large windows and a brick facade. The overall atmosphere is professional and academic.

Pesquisadores e o AHJ



Emigração suíça para o Brasil de 1888 a 2001

Magda Kaspar

Mestra e Bacharel em História pela Universidade de Berna.

Em 1851, quando Joinville foi fundada, a Suíça não era um país de imigração como é hoje, mas era considerado um país de emigração pobre até 1888. No século XIX, houve várias ondas de emigração relacionadas a mudanças estruturais e econômicas na produção agrícola. Além disso, houve um forte crescimento populacional enquanto os recursos terrestres permaneceram inalterados. Especialmente com e devido ao início da industrialização em meados do século XIX, a emigração para o exterior, principalmente para as Américas do Norte e do Sul, assumiu novas dimensões e setores menos abastados da população se viram forçados a emigrar devido à falta de perspectivas.

Do lado brasileiro, no entanto, a escravidão foi gradualmente abolida com a independência em 1822. Isto aumentou a demanda de mão-de-obra. O governo brasileiro viu a solução no recrutamento de colonos europeus e adaptou suas leis sobre aquisição de terras em conformidade e as simplificou. Com um amplo sistema de propaganda que retratava o sul do Brasil como um paraíso na terra, as famílias alemãs e suíças deveriam estar mais dispostas a fazer a viagem. Vários jornais noticiaram ampla e muito positivamente sobre as oportunidades de uma nova vida no Brasil.

Entretanto, ao contrário da imagem veiculada, as experiências das famílias raramente foram paradisíacas. Muitos viajantes morreram na travessia ou nos primeiros anos no Brasil, muitas vezes devido a doenças. Além disso, muitas famílias suíças haviam contraído empréstimos junto às agências de emigração para a travessia e para o início de suas novas vidas no Brasil. Os custos da viagem ao exterior eram às vezes também cobertos pelos municípios ou pelos cantões, pois eles tinham interesse em reduzir o número de pessoas necessitadas de assistência

social. Muitas famílias, portanto, estavam numa relação de endividamento desde o início. Numerosas colheitas ruins e a falta de um mercado de vendas significavam que a renda era frequentemente tão baixa que as dívidas tinham que ser trabalhadas por décadas ainda. Muitas colônias acabaram tendo que ser abandonadas porque os rendimentos da agricultura não atenderam às expectativas. Das muitas colônias fundadas pelo povo suíço, três permanecem até hoje em conexão com a Suíça.

Helvetia é a única colônia que viveu consistentemente as práticas e costumes supostamente suíços. Helvetia, agora estabelecida em Indaiatuba, foi fundada em 1888 por quatro famílias suíças; com o tempo, mais e mais famílias se juntaram e compraram mais e mais terras. Logo as propriedades de terra dos imigrantes tinham mais do que dobrado. Os recém-chegados construíram uma igreja, fundaram um clube de tiro e uma escola. Hoje, Helvetia é o lar do maior clube suíço de gritaria do mundo. O Dia Nacional Suíço é celebrado aqui, assim como o santo patrono Niklaus von Flüe, aos interessados são ensinados o alemão suíço e os talentosos podem participar de cursos de suposta dança suíça. Finalmente, uma pedra memorial e quatro palmeiras comemoram os quatro fundadores da colônia e seus primórdios.

Magda Kaspar

Mestra e Bacharel em História pela Universidade de Berna.

Figura – 8 Pedra memorial em homenagem aos pais fundadores da Helvetia



Fonte: acervo da autora

Nova Friburgo também mantém as tradições suíças até os dias de hoje. A cidade foi fundada por volta de 1819 por 261 famílias da Suíça - principalmente de Freiburg. Por exemplo, fora da cidade, há uma fábrica que produz tanto queijo quanto chocolate. Atrás do chalé está uma cópia do monumento Tell em Altdorf, no cantão de Uri, um importante monumento nacional na Suíça. Entretanto, os suíços brasileiros não conseguiram resistir à construção do monumento de 7 cm mais alto do que o original.

Figura 9 – Estátua de William Tell em Nova Friburgo



Fonte: acervo da autora

Magda Kaspar

Mestra e Bacharel em História pela Universidade de Berna.

Joinville, finalmente, foi fundada originalmente em 1851 sob o nome Dona Francisca por famílias suíças do cantão de Schaffhausen e está em contraste com as outras duas colônias. Ao longo dos anos - especialmente durante a primeira metade do século XX - a referência às origens suíças foi perdida aqui. Até hoje, Joinville é caracterizada por uma cultura alemã de lembrança. Durante décadas, a população celebrou e cultivou a chamada "germanicidade", suprimindo ou integrando supostas tradições suíças. Foi somente em 2001 que um memorial suíço foi erguido para comemorar as origens dos fundadores de Joinville.

Em sua tese de doutorado, Magda Kaspar pergunta que condições levaram a Helvetia a se tornar uma chamada colônia suíça florescente, enquanto os descendentes dos imigrantes em Joinville e Nova Friburgo só puderam ou quiseram estabelecer uma conexão com a Suíça em menor escala e muito mais tarde. O objetivo é investigar quais condições e dinâmicas levaram à produção e mudança de narrativas de identidade em relação às filiações nacionais. Quem expressou um sentimento de pertencer à Suíça? Quem fez tais referências e por quê? Encontramos portadores de tal referência localmente nas colônias, mas também várias associações que atuavam além das fronteiras tentaram definir tais afiliações. Finalmente, as autoridades suíças e brasileiras também implementaram várias medidas destinadas a influenciar significativamente o sentimento de pertença.

Isto é particularmente visível na primeira metade do século 20. A campanha de nacionalização sob o Presidente Getúlio Vargas durante a Segunda Guerra Mundial teve um impacto ainda maior sobre as comunidades suíças migrantes no Brasil do que a política durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, no final dos anos 30, uma série de leis foram introduzidas com o objetivo de impedir

qualquer atividade política dos estrangeiros no Brasil e promover a integração cultural adaptativa entre os descendentes de imigrantes. Sob o lema "abrasileirar os brasileiros", os descendentes de imigrantes, que nasceram no Brasil, deveriam se tornar mais "brasileiros". Com a entrada do Brasil na guerra em 1942, todas as atividades de associações recreativas, culturais e caritativas de imigrantes, bem como o uso público de "línguas estrangeiras" foram proibidas. Censuras podem ser identificadas para todas as três colônias durante este período:

Joinville foi particularmente afetada pela campanha de nacionalização, pois há muito tempo a cidade era percebida como uma colônia alemã e até então a maioria dos discursos diários, imprensa e educação tinham sido alemães. Com a nova lei, numerosas associações alemãs nas quais os suíços também estavam envolvidos tiveram que se dissolver. A língua alemã foi, portanto, cultivada principalmente apenas entre a família e os amigos e, portanto, perdeu importância. Embora as medidas fossem destinadas principalmente aos descendentes de imigrantes das potências do Eixo, os suíços foram diretamente afetados, pois eram indistinguíveis dos alemães para muitos atores brasileiros aqui. Embora algumas iniciativas suíças já existissem antes da Segunda Guerra Mundial, estas foram abandonadas no início da década de 1940. As poucas associações, como a sociedade cantora "Helvetia", que foram fundadas nos primeiros anos da colônia de Joinville, não sobreviveram à campanha de nacionalização.

O Arquivo Histórico de Joinville oferece uma riqueza de material para estudar este aspecto da história de Joinville. Além do acervo dos vários jornais, dos quais o "Kolonie-Zeitung" foi particularmente importante, o acervo de Carlos Ficker documenta a história das famílias alemãs, mas também as suíças, em Joinville.

Magda Kaspar

Mestra e Bacharel em História pela Universidade de Berna.

Desta forma, com referência às outras colônias, pode ser mostrado como diferentes atores em diferentes momentos e com diferentes motivos tentaram estabelecer ou impedir uma relação com a Suíça.

Imagens 10 e 11 — Praça Suíça em Joinville



Fonte: acervo da autora



Die schweizerische Auswanderung nach Brasilien von 1888 bis 2001

Magda Kaspar

Im Jahr 1851 als Joinville gegründet wurde, war die Schweiz nicht wie heute ein Einwanderungsland, sondern galt bis 1888 als armes Auswanderungsland. Im 19. Jahrhundert gab es verschiedene Auswanderungswellen, die in Zusammenhang mit strukturellen und konjunkturellen Veränderungen in der landwirtschaftlichen Produktion standen. Hinzu kam ein starkes Bevölkerungswachstum bei gleichbleibenden Bodenressourcen. Besonders mit und wegen dem Beginn der Industrialisierung Mitte des 19. Jahrhunderts nahm die Auswanderung nach Übersee, vorwiegend nach Nord- und Südamerika neue Dimensionen an und weniger wohlhabende Bevölkerungsschichten sahen sich aufgrund der Perspektivlosigkeit zur Auswanderung gezwungen.

Auf brasilianischer Seite hingegen wurde mit der Unabhängigkeit 1822 die Sklaverei sukzessive abgeschafft. Dadurch stieg die Nachfrage nach Arbeitskräften. Die brasilianische Regierung sah die Lösung in der gezielten Anwerbung von europäischen Siedlerinnen und Siedlern und passte ihre Gesetze zum Landerwerb entsprechend an und vereinfachte diesen. Mit einem breit angelegten Propagandasystem, das Südbrasilien als das Paradies auf Erden darstellte, sollte deutschen und schweizerischen Familien die Reise schmackhaft gemacht werden. In verschiedenen Zeitungen wurde ausführlich und sehr positiv über die Chancen eines neuen Lebens in Brasilien berichtet.

Die Erfahrungen der Familien waren entgegen dem transportierten Bild jedoch selten paradiesisch. Viele Reisende starben bereits auf der Überfahrt oder aber in den ersten Jahren in Brasilien, oft aufgrund von Krankheiten. Zudem hatten viele Schweizer Familien von Auswanderungsagenturen Kredite für die Überfahrt und für den Beginn ihres neuen Lebens in Brasilien aufgenommen. Die Kosten

für die Reise nach Übersee wurden mitunter auch von den Gemeinden oder den Kantonen übernommen, da diese ein Interesse daran hatten, die Zahl der Fürsorgebedürftigen zu reduzieren. Viele Familien standen damit von Anfang an in einem Schuldverhältnis. Zahlreiche Missernten und ein fehlender Absatzmarkt führten dazu, dass das Einkommen häufig so gering war, dass die Schulden noch während Jahrzehnten abgearbeitet werden mussten. Zahlreiche Kolonien mussten schliesslich aufgegeben werden, weil die Erträge aus der Landwirtschaft nicht den Erwartungen entsprachen. Von den vielen Kolonien, die von Schweizerinnen und Schweizern gegründet wurden, bleiben bis heute drei übrig, die einen Bezug zur Schweiz herstellen.

Helvetia ist die einzige Kolonie, die durchgehend vermeintliche schweizerische Praktiken und Bräuche lebte. Helvetia, heute in Indaiatuba angesiedelt, wurde 1888 von vier Schweizer Familien gegründet, im Laufe der Zeit schlossen sich immer mehr Familien an und kauften immer mehr Land dazu. Schon bald hatte sich der Grundbesitz der Eingewanderten mehr als verdoppelt. Die Neuankömmlinge bauten eine Kirche, gründeten einen Schützenverein und eine Schule. Heute beherbergt Helvetia den grössten Schweizer Jodelverein der Welt. Der Schweizer Nationalfeiertag wird hier genauso gefeiert wie der Schutzpatron Niklaus von Flüe, Interessierte werden in Schweizerdeutsch unterrichtet und Talentierte können Kurse in vermeintlichem Schweizer Tanz besuchen. Schliesslich erinnern ein Gedenkstein und vier Palmen an die vier Kolonie-Gründer und deren Anfänge.

Auch Nova Friburgo pflegt bis heute schweizerische Traditionen. Die Stadt wurde um 1819 von 261 Familien aus der Schweiz – vor allem aus Fribourg

Magda Kaspar

gegründet. So steht ausserhalb des Ortes eine Fabrik, die sowohl Käse als auch Schokolade produziert. Hinter dem Chalet steht eine Kopie des Telldenkmals von Altdorf im Kanton Uri, in der Schweiz ein wichtiges Nationaldenkmal. Allerdings konnten es sich die brasilianischen Schweizerinnen und Schweizer nicht verkneifen, das Denkmal 7 cm grösser zu bauen als das Original.

Joinville schliesslich, wurde 1851 ursprünglich unter dem Namen Dona Francisca von Schweizer Familien aus dem Kanton Schaffhausen gegründet und steht in einem Gegensatz zu den anderen beiden Kolonien. Im Lauf der Jahre – besonders während der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts – ging hier die Bezugnahme auf die Schweizer Herkunft verloren. Bis heute ist Joinville von einer deutschen Erinnerungskultur geprägt. Die Bevölkerung feierte und pflegte Jahrzehnte lang das sogenannte “Deutschtum” und verdrängte bzw. integrierte dabei vermeintliche schweizerische Traditionen. Erst im Jahr 2001 wurde ein Schweizer Denkmal errichtet, das an die Herkunft der Gründerinnen und Gründer von Joinville erinnert.

In ihrer Arbeit fragt Magda Kaspar, welche Bedingungen dazu führten, dass Helvetia eine sogenannt florierende Schweizer Kolonie werden konnte, während die Nachkommen der Eingewanderten in Joinville und Nova Friburgo einen Bezug zur Schweiz nur in einem geringeren Mass und viel später herstellen konnten oder wollten. Es geht darum zu untersuchen, welche Bedingungen und Dynamiken zu der Herstellung und des Wandels von Identitätsnarrativen in Bezug auf nationale Zugehörigkeiten führten. Wer drückte eine Zugehörigkeit zur Schweiz aus? Wer stellte solche Bezüge her und warum? Träger einer solchen Bezugnahme finden wir lokal in den Kolonien, aber auch verschiedene Vereine, die grenzüberschreitend

tätig waren, versuchten solche Zugehörigkeiten zu definieren. Schliesslich setzten auch schweizerische und brasilianische Behörden verschiedene Massnahmen um, die zum Ziel hatten Gefühle der Zugehörigkeit wesentlich zu beeinflussen.

Besonders gut sichtbar, ist dies in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts. Noch stärker als die Politik während des Ersten Weltkriegs wirkte sich die Nationalisierungskampagne unter Präsident Getúlio Vargas während dem Zweiten Weltkrieg auf die schweizerischen Migrantengemeinden in Brasilien aus. So wurde Ende der 1930er Jahre eine Reihe von Gesetzen eingeführt, die darauf abzielte, jegliche politische Aktivitäten von Ausländerinnen und Ausländern in Brasilien zu verhindern und eine adaptive kulturelle Integration der Nachfahren von Eingewanderten voranzutreiben. Unter dem Motto “abrasileirar os brasileiros” sollten Nachkommen von Eingewanderten, die notabene in Brasilien geboren waren, „brasilianischer“ gemacht werden. Mit dem Kriegseintritt Brasiliens 1942 wurden schliesslich alle Aktivitäten von Freizeit-, Kultur- und Wohltätigkeitsvereinen der Eingewanderten sowie der öffentliche Gebrauch „fremder Sprachen“ verboten. Für alle drei Kolonien lassen sich während dieser Zeit Zäsuren feststellen:

Joinville war von der Nationalisierungskampagne besonders betroffen, da die Stadt längst als deutsche Kolonie wahrgenommen wurde und bis zu diesem Zeitpunkt im Alltag, in Druckschriften und in der Ausbildung mehrheitlich deutsch gesprochen wurde. Mit dem neuen Gesetz mussten sich zahlreiche deutsche Vereine, in denen sich auch Schweizerinnen und Schweizer engagierten, auflösen. Die deutsche Sprache wurde deshalb meist nur noch im Familien- und Freundeskreis gepflegt und verlor damit an Bedeutung. Obwohl die Massnahmen vor allem auf Nachfahren von Eingewanderten aus den Achsenmächten zielten,

Magda Kaspar

waren Schweizerinnen und Schweizer direkt davon betroffen, da sie hier für viele brasilianische Akteure von den Deutschen ununterscheidbar waren. Während vor dem Zweiten Weltkrieg noch einige Schweizer Initiativen bestanden hatten, versandeten diese Anfang der 1940er Jahre. Die wenigen Vereine, wie beispielsweise der Gesangsverein "Helvetia", die in den ersten Jahren der Kolonie Joinville gegründet wurden, überlebten die Nationalisierungskampagne nicht.

Das Arquivo Histórico von Joinville bietet eine Fülle an Materialien, um diesen Aspekt der Geschichte Joinvilles zu untersuchen. Neben den Beständen der verschiedenen Zeitungen, wovon die «Kolonie-Zeitung» besonders wichtig war, dokumentiert der Bestand von Carlos Ficker die Geschichte von deutschen aber auch von schweizerischen Familien in Joinville. So kann in Bezugnahme auf die anderen Kolonien aufgezeigt werden, wie verschiedene Akteure zu unterschiedlichen Zeitpunkten und mit unterschiedlichen Motiven einen Bezug zu der Schweiz herzustellen oder eben zu verhindern versuchten.



**A “Sociedade de Agricultura e Criação de Joinville” e seu periódico:
veículo da higienização e do modus operandi moderno (1933 – 1937)**

Wesley dos Santos Graper

Acadêmico de História da Univille.

Este texto tem por objetivo divulgar a pesquisa realizada na disciplina de Pesquisa Histórica, no curso de História da Univille, ao longo do ano letivo de 2021. Esse empreendimento buscou inicialmente compreender como os trabalhadores rurais de Joinville foram imaginados e representados nas páginas do periódico “A Agricultura”, que esteve ativo na cidade durante os anos de 1935 e 1936. Foram utilizadas fontes disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital Catarinense, Arquivo Histórico de Joinville e Laboratório de História Oral da Univille. Durante o processo, foram realizados fichamentos da revisão bibliográfica, fichas de análise das fontes históricas primárias e por último, a escrita de um relatório.

Certa vez, um filósofo italiano, aprisionado pelos fascistas por suas ideias, sentenciou que os grupos subalternos são sempre vistos pelas elites como bárbaros e patológicos (GRAMSCI, 2002). Na Joinville da década de 1930, os trabalhadores rurais eram pintados de forma muito similar pelos “homens ilustrados” que comandavam o poder público e econômico.

Ao que foi possível averiguar por meio de publicações no periódico “A Agricultura” e de registros nos relatórios anuais da prefeitura, o jornal foi vinculado à Sociedade de Agricultura e Criação de Joinville, na qual temos indícios que começou a se organizar em 23 de abril de 1934, sendo posteriormente, em 14 de julho do mesmo ano, considerada de utilidade pública pelo decreto do então prefeito - isso implicava que a sociedade recebesse uma certa quantia monetária do poder público para manter-se. Podemos apontar como provável idealizador do projeto da Sociedade, o Dr. Plácido Gomes de Oliveira (1884-1959), sujeito que já tinha uma projeção política na cidade - podendo ser destacado os casos da organização da Liga dos Lavradores ou Bauerbund (COSTA, 2005) e pela direção da Diretoria de

Higiene (que também era uma repartição da Prefeitura, assim como a Sociedade de Agricultura passou a ser) (FONTOURA, 2005). Sobre o Dr. Plácido, é importante destacar as memórias do seu irmão e ex-prefeito da cidade, João Acácio Gomes de Oliveira (1933-1934), no qual remeteu que o primeiro foi um grande idealizador do movimento integralista na cidade, participando de reuniões e até mesmo vestindo a camisa verde. Alguns outros indícios, até mesmo de anos anteriores, apontam questões que poderiam-no aproximar do movimento, tais como suas redações nos relatórios da Diretoria de Higiene. O Doutor dizia o seguinte sobre os trabalhadores rurais que resistiam às adaptações de medidas de higiene:

Os mais atrasados ficarão constituindo a retaguarda dos incapazes, destinados ao desaparecimento, salvo quando para estes se criassem colônias em comum, sob as vistas de um administrador geral.

Se uma pequena parte ficará assim irremediavelmente perdida para o convívio da produção e do trabalho, a outra, felizmente da maioria, formada de pobres ocasionais e de remediados, ainda pode ser aproveitada para um soerguimento de energias, quando amparados pela escola, pela higiene e pelo espírito de cooperativismo (as Sociedades de Trabalho Agrícola), que os defendam e ensinem a ganhar melhor e mais do que ganham.

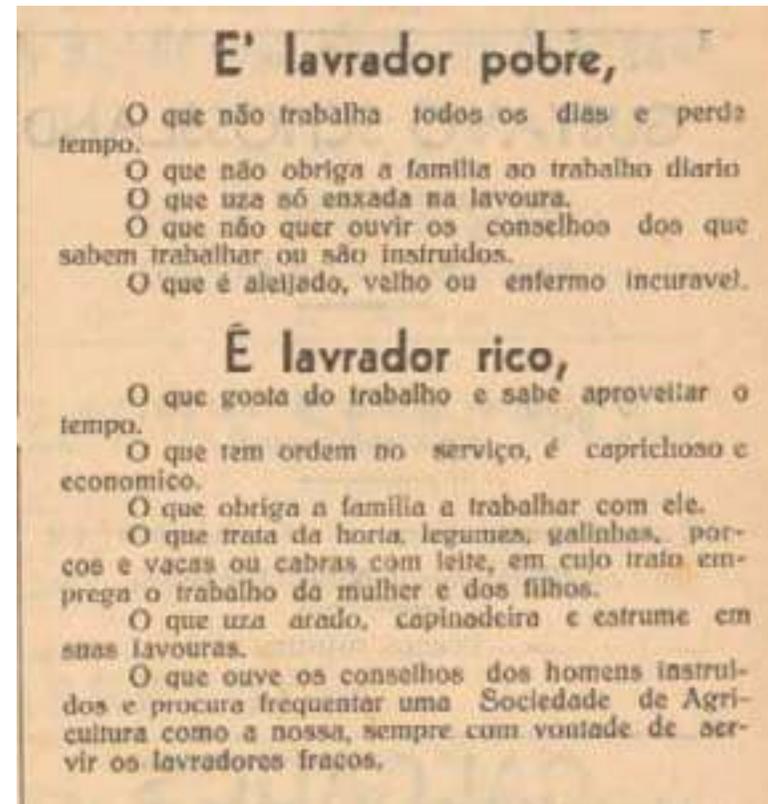
É possível perceber nesse discurso, ideias conhecidas por darwinismo

Wesley dos Santos Graper

Acadêmico de História da Univille.

social, que fortemente vigoraram no Brasil durante a primeira república (1889-1930), no qual pregavam uma seleção dos indivíduos mais fortes em detrimento dos mais fracos. Também percebemos para que finalidade seriam utilizados os trabalhadores mais resistentes à precariedade, amparados pelas instituições públicas que promoveriam o trabalho e a higiene. Assim, antes do Integralismo chegar na cidade, havia já um terreno fértil para tais ideias se assentarem. Outro trecho que é de importância, é uma espécie de cartilha (Figura 12) que foi publicada na edição de 7 de novembro de 1935, do "A Agricultura". De forma muito direta, a cartilha prescrevia quais deveriam ser as atitudes do "lavrador pobre" e do "lavrador rico".

Figura 12 - "Cartilha" publicada no periódico "A Agricultura" descrevendo quais



Fonte: A AGRICULTURA. Joinville, 07 nov. 1935. Acervo do AHJ

Wesley dos Santos Graper

Acadêmico de História da Univille.

Esses conselhos, condicionados pela conjuntura das mentalidades da época, tinham a explícita pretensão de disciplinar e docilizar os corpos dos trabalhadores rurais para, assim, eles poderem trazer retornos econômicos muito mais efetivos. Note-se como é tentado incutir as medidas de higiene, uso intensivo do tempo e da família no trabalho e emprego de tecnologias modernas. Também é possível perceber como os lavradores são colocados como fracos e atrasados em oposição aos homens que “sabem trabalhar” e “são instruídos”. Não é estranho notar também, nas várias edições do periódico, elementos do “culto ao trabalho”, fator que desde o início da colônia, virou símbolo de identidade para a cidade e peneira para selecionar e separar os bons e os maus cidadãos (CUNHA, 2008).

Entretanto, a Sociedade e seu periódico não estavam assentados num vácuo social, cultural e econômico. Joinville, desde seus primeiros momentos, foi acossada pelas doenças. Relatos de imigrantes nos mostram como era doloroso sobreviver nestas terras (GUEDES, 2005). No início do século XX, seguindo as modas que se iniciaram nos idos de 1850 (CHALHOUB, 1996) e se acentuado nos princípios dos primeiros governos republicanos (CARVALHO, 2019), Joinville também despontou nas suas tentativas de civilizar-se, isto é, de se modernizar, o que em boa medida era entendido como se higienizar. As ruas foram macadamizadas, sistemas de esgoto implantados, o centro embelezado (FONTOURA, 2005). A higienização do centro ia aos poucos empurrando a população mais vulnerável para as margens (GUEDES, 1996). Um hospício, inclusive, foi criado para esconder os indesejados, demarcando o desejo de fazer a sociedade luzir belamente (FONTOURA, 2005).

Essas mudanças, foram a custo de uma economia ervateira que ainda pulsava no início do século XX e de uma industrialização que gestava na sua segunda

década (CUNHA, 2008). Era a elite econômica e, logo, política, que tinha nos seus horizontes esses ares modernizadores para o espaço urbano, enquanto que nas margens do centro, havia uma outra cidade, uma Joinville paralela, vivendo em outro ritmo de experiências de tempo e conservando outros horizontes de expectativa - muitas vezes, os da imediata sobrevivência. Essas péssimas condições de vida, levaram consideráveis vezes os campônios do município a se organizarem e irem às ruas da cidade protestar. A presença desses “bárbaros patológicos”, fora relatada pelos jornais da época com muita chacota e como com ausência de razão (COSTA, 2005).

Dentro do contexto problematizado acima, foram lançados novos olhares a algumas fontes já analisadas e em outras que ainda não haviam sido exploradas. Um exemplo das que receberam atenção, foram as estatísticas produzidas por Postos Rurais subsidiados pela Prefeitura de Joinville durante os anos 1930, que tinham o intento em fazer um mapa de reconhecimento desta população que vivia nas margens, para que assim pudessem disciplinar os seus hábitos de higiene. As tarefas dos agentes eram as seguintes:

O agente sanitário está obrigado: a visitar todo domicílio e respectivo terreno; a colher as informações constantes [...]; a vender quinina e vermífica pelo preço de custo; e a aconselhar a correção dos defeitos higiênicos observados.

As tentativas de normatização dos hábitos de condutas já era algo comum desde o início do século XX (FONTOURA, 2005), porém, ao que se percebe, dificilmente

Wesley dos Santos Graper

Acadêmico de História da Univille.

conseguiam alcançar e igualmente disciplinar os moradores das áreas rurais. O que há de pertinente nestes levantamentos, é que podemos compreender um pouco mais das suas prováveis condições de vida, pois neles são indicadas informações como a qualidade de água que tinham em suas casas, qualidade do leite que consumiam, se a residência era propensa a inundações, se usavam calçado no trabalho (seja no campo ou na indústria), em que atividades se ocupavam, histórico de doenças, estado geral de saúde, etc (abaixo segue amostra de dados).

Quadro 1 - Levantamento de Carta Sanitária, 1933, Posto Rural da Zona Norte de Joinville

Descrição	Estrada Boa Vista	Estrada Irw	Estrada D. Francisca
Moradores visitados	71	90	37
Número de filhos	394	518	169
Filhos vivos	261-66%	379-72%	111-66%
Filhos mortos	133	149	58
Saúde da família (boa)	47%	30%	68%
Saúde da família (regular)	53%	68%	32%
Saúde da família (má)	-	2%	-
Palidos	77%	60%	60%
Fébreis: tem ou tiveram	92%	89%	92%
Usam calçado ou tamarco	61%	30%	92%
Leite	21%	27%	24%
Trabalho (Lavradores)	55%	78%	24%
Trabalho (Operários)	45%	22%	76%
Higiene da residência (Boa)	39%	38%	87%
Higiene da residência (má)	61%	61%	13%
Fossa: cubo ou fossa	25%	20%	73%
Fossa: cubo ou fossa (nada)	75%	80%	27%
Água potável: péssima de cacimba	13%	10%	5%
Propriedade sujeita a inundação	7%	8%	-

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Relatório correspondente ao ano de 1933

De forma geral, percebe-se que estes indivíduos, em sua maioria, estavam em situações precárias - ficando claramente vulneráveis às doenças. Vale lembrar que, até os anos 1940, a região urbanizada era extremamente diminuta em relação à área rural (SANTANA, 2017), que também continha a maioria da população (WENDLAND, 2011).

Assim, o desejo dos órgãos da Prefeitura e de setores mais abastados da sociedade em disciplinar as condutas de higiene dos moradores da área rural, entrou em contradição com as suas insatisfações em relação aos resultados econômicos da agricultura local. Isso fez com que, como síntese, fizesse surgir uma ideia que viria para tentar ordenar esses problemas que estavam postos: a Sociedade de Agricultura e Criação de Joinville.

Experiências de associações lideradas por homens ilustrados da elite econômica e, conseqüentemente, política, não eram novidades na Joinville da primeira metade do século XX e tão menos no Brasil. Estas associações, que geralmente vinham acompanhadas de seus jornais, de forma geral, tinham o objetivo de difundir de forma didática aos “ignorantes” do campo, o que se tinha de mais último do moderno (MENDONÇA, 1998). Como exemplo, temos o periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, criado em 1827 no Rio de Janeiro (CARDOSO, 2018). A partir da primeira república, as associações eram vistas como um meio de salvar a agricultura em crise naquele período (MENDONÇA, 1997). O que estas associações tinham em comum, é que eram os tais “homens ilustrados” que davam as cartas.

Voltando aos elementos políticos, sabemos como os votos da população rural de Joinville foram importantes para eleger o prefeito integralista, Aristides

Wesley dos Santos Graper

Acadêmico de História da Univille.

Largura, em 1936 (WENDLAND, 2011), o que também pode nos indicar para quais eram as ideologias da Sociedade de Agricultura e Criação de Joinville e seu periódico - mobilizar politicamente os populares rurais. Sendo por um longo tempo a maioria da população, os moradores da zona rural eram uma importante parcela do eleitorado, geralmente ignorado.

Em resumo, esta pesquisa pôde contribuir para compreendermos de forma mais nítida as relações entre espaço urbano e rural e, principalmente, como estes trabalhadores foram imaginados e representados na imprensa e em documentos públicos oficiais, a partir dos discursos dos homens ilustrados da elite econômica e política de Joinville. A Sociedade de Agricultura teve uma vida curta, encerrando as suas atividades em 1936. Fica em aberto a dúvida de como (e se) estas ideias foram recebidas e quais podem ter sido suas implicações e apropriações criativas de suas ideias.

No mais, levando em consideração que a ideologia dominante geralmente torna-se hegemônica, continuamos imaginando e representando aqueles que estão nas margens da sociedade (e da história) como bárbaros e patológicos, como assim remeteu o italiano Antônio Gramsci.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Janaina Salvador. **Entre arados e maquinários**. A modernização agrícola em O Auxiliador da Indústria Nacional (1861 - 1892). Orientadora: Milena da Silveira Pereira. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós- Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2018.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Lara Andrade. A Cidade da Ordem: Joinville - 1917 - 1943. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.). **Histórias de (I)migrantes**: O cotidiano de uma cidade. Joinville. UNIVILLE, 2005.

CUNHA, Dilney. História do Trabalho em Joinville: Gênese. Joinville: TodaLetra, 2008. FONTOURA, Arselle Andrade da. Aqui "jaz" um hospital. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.). Histórias de (I)migrantes: O cotidiano de uma cidade. Joinville: Editora Univille, 2005.

GRAMSCI, Antonio. Às margens da História. (História dos grupos sociais subalternos). In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 5. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. A Colônia Dona Francisca: A Vida... O Medo... A Morte. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.). **Histórias de (I)migrantes**: O cotidiano de uma cidade. Joinville. UNIVILLE, 2005.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. O Hospital no processo de modernização de Joinville. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. **Instituição e Sociedade**: A trajetória do Hospital Municipal São José de Joinville 1852-1971. 1ª ed. Joinville: Movimento & Arte, 1996.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Agronomia e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

Wesley dos Santos Graper

Acadêmico de História da Univille.

Fontes primárias:

A AGRICULTURA. Joinville, 29 jul. 1935. Disponível no Arquivo Histórico de Joinville.

A AGRICULTURA. Joinville, 07 nov. 1935. Disponível no Arquivo Histórico de Joinville.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Relatório 1933. Disponível no Arquivo Histórico de Joinville.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Relatório 1935. Disponível no Arquivo Histórico de Joinville.

OLIVEIRA, João Acácio Gomes de. Doutor João Acácio Gomes de Oliveira: Entrevista oral [11 mai. 1982, Joinville]. Entrevistadores: Dúnia de Freitas Toaldo. Entrevista concedida à Coleção Nossos Prefeitos - Século XX. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2021.

A photograph of a modern building at night, illuminated by warm lights. In the foreground, there is a large, white, abstract sculpture. The building has a mix of brick and concrete, with large windows reflecting the night sky. The overall atmosphere is modern and architectural.

História Institucional

A close-up portrait of an elderly man with white hair, a white goatee, and glasses. He is wearing a green jacket over a white shirt and a brown tie. The background is a plain, light-colored wall.

Entrevista Apolinário Ternes

Giane Maria de Souza

Doutora em história pela UFSC, especialista cultural, educadora do AHJ.

GMS – O senhor nasceu em Joinville em 1949. Como foi a sua infância e juventude, considerando as transformações da cidade a partir das suas memórias familiares, profissão dos pais, bairro em que viveu?

AT — Sim, nasci na Maternidade Darci Vargas, inaugurada dois anos antes. Meus pais moraram num casarão colonial na Rua do Príncipe, quase junto ao cruzamento com a Rua São Pedro, atual Ministro Calógeras.

Nas imediações da igreja matriz, nasci, justo, num dos primeiros trechos pavimentados do ainda modesto núcleo urbano. Pavimentado há pouco mais de dez anos, a partir de 1936. Sempre fui um cidadão urbano. Não conheci outros modos de vida, como a rural, a de colono, ou pequeno produtor de alimentos. Meu pai foi um pequeno comerciante, tinha uma venda de secos e molhados na atual rua São Paulo, esquina com a Rua Santos, na entrada para o moinho. Moramos em várias casas, sempre de aluguel e sempre no centro.

Aos 11 anos fui para o seminário. Desisti aos 13, e cheguei ao primeiro emprego aos 14 anos de idade, em março de 1964. Meu primeiro emprego era de 'estafeta' ou office-boy, na Companhia Antarctica Paulista, nas mesmas instalações que continuam na Rua 15 de Novembro.

Aos 18, iniciei minha carreira de jornalista, em Blumenau, na Rádio Nereu Ramos. Estávamos em 1968, o ano em que a ditadura decretou o Ato 5, das rebeliões de maio, da censura e da guerrilha.

Joinville, em 1951, quando comemorou o primeiro século, era uma cidade pequena. Industrializada, com classes econômicas bem definidas. Pouquíssimos, muitos ricos, outros bem de vida e a maioria pobre mesmo. A cidade usava a bicicleta, tinha, acho, quatro ou cinco policiais e um jipe velho. As casas eram cuidadas e

havia jardins, cercas de madeira e trabalho para todos. Uma típica cidade europeia, encravada num Sul diferente. O prefeito era respeitado, o padre mandava também e, a partir de 1957, o bispo mandava em quase todos e todos pediam a benção aos religiosos.

De repente, a partir do 'milagre econômico' da década de 1960, a cidade foi se transformando muito rapidamente. Cresceram os empregos, as ruas, os bairros, escolas e as igrejas. A cidade, então, estava gerando 'o ovo da serpente'. Políticos populistas e mentirosos começaram a aparecer. E isto foi crescendo e já tomou mais de meio século de Joinville. Agora estamos ainda mais desamparados, porque, afinal, a política é um permanente caso de polícia, a polícia não dá conta da violência e do tráfico, a religião perdeu o poder, não temos imprensa ou jornalismo, só essa coisa medonha de apresentadores-pastores, com a mediocridade reinante nessa coisa horrenda que chamam de comunicação e imprensa.

E temos a queda na qualidade da educação, do ensino fundamental ao dito superior, onde reina, igualmente, a mesma mediocridade da política, da cultura, das 'entidades de classe'. Enfim, Joinville não é diferente do resto do país, onde se sobressaem apenas os radicais. Tempos ásperos, diria Mário Vargas Llosa.

GMS – Apesar do senhor ser formado em Direito, a história e o jornalismo se tornaram as duas principais áreas norteadoras na sua vida profissional. Podes nos contar sobre como esse processo se estabeleceu?

AT - Sim, mas antes em História. Na Univille, em 1978. Depois Direito, em 1986, no Guimbala. Depois Mestrado em Educação e Sociedade pela Udesc, em 2003. Nunca exerci a advocacia, sempre optei por jornalismo e fiz da História um apêndice

Giane Maria de Souza

Doutora em história pela UFSC, especialista cultural, educadora do AHJ.

importante. Jornalista por 47 anos. Desde então, vivo, agora, a dolorosa viuvez de ver o país mergulhado na insensatez e mediocridade. É de chorar ver o que aconteceu com a imprensa, e não só no Brasil. Nossos tempos são de completo desequilíbrio e o século do conhecimento e do 'online' está desorientando milhões de pessoas em qualquer lugar do planeta.

A História chegou em 1975, quando pulei do curso de Letras para o de História. Depois, em 1977, fui designado para dirigir o Arquivo Histórico, no lugar de Adolfo Schneider e, com aquele afastamento, o prefeito Luiz Henrique pôde negociar com a família Ficker, a devolução dos documentos da cidade.

Escrevi, então, História de Joinville, uma abordagem crítica, publicado em 1981. Dali foram surgindo dezenas de livros, sempre contemplando Joinville, suas instituições, seu urbanismo, sua economia, etc.

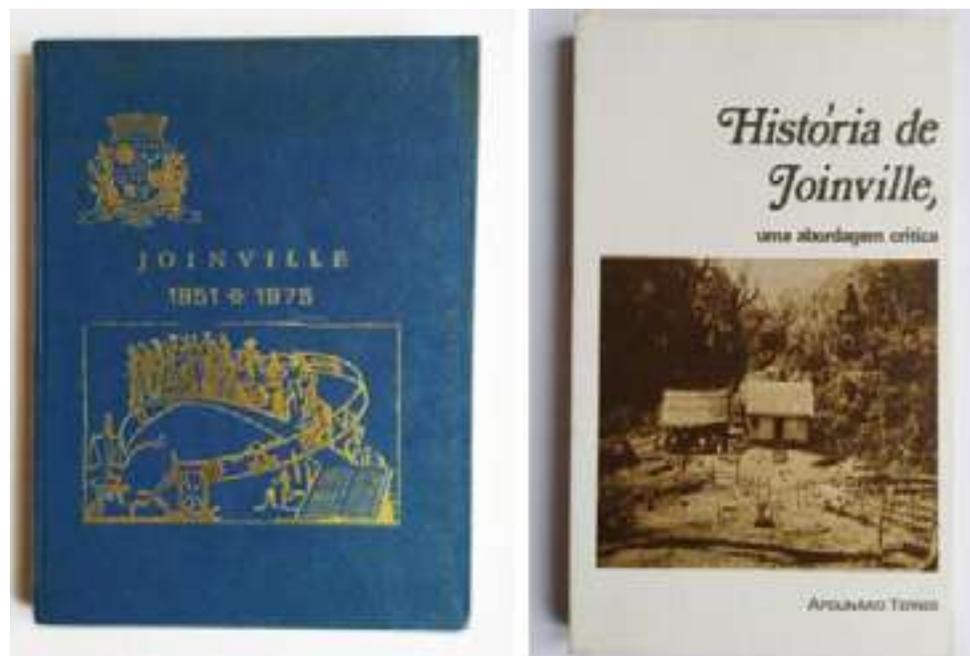
Foram 36 livros, um a um, desde 1975. Sempre fazendo jornalismo, no cargo de editorialista de A Notícia por 29 anos consecutivos. Um editorial a cada dia, 365 por ano e foram quase dez mil.

GMS – Desde 1968 o senhor foi um importante articulista do Jornal A Notícia. Como foi trabalhar neste jornal, como era a redação, a estrutura, os interlocutores, a agenda? Como os articulistas e editores trabalham no cotidiano da imprensa anos atrás?

AT – Jornalismo naquele tempo obedecia a outros parâmetros, ainda que, então, já mantinha relação direta com a política. Os poderosos sempre mandam, alguns com dinheiro, outros com mentiras e demagogia. Jornalismo sempre foi uma tentativa de colocar um pouco de compostura na vida pública. Hoje estamos sem freios, sem

limites e sem compostura. Basta ver o que acontece no Brasil polarizado de nossos dias, onde os criminosos de ontem – mesmo na cadeia – hoje são candidatos a tudo, até mesmo à presidência da República.

Figuras 15 e 16 – Imagens dos livros: Joinville 1851 – 1975, Edições Uirapuru, Itajaí, 1975; História de Joinville, uma abordagem crítica, Meyer/Joinville/1981-1984.



Fonte: <https://apolinarioternes.com.br/>

Giane Maria de Souza

Doutora em história pela UFSC, especialista cultural, educadora do AHJ.

Tenho saudade de jornais que publicavam grandes artigos, ensaios, críticas, reportagens brilhantes. É preciso buscar algum exemplar da revista Realidade para ver como foi o jornalismo brasileiro. Quase nada que temos agora é digno de ser chamado de jornalismo. É tudo guerrilha política...

Conheci o jornal A Notícia com apenas oito empregados, no primeiro ano da década de 1970. Fiquei por lá quase até 2013, quando me silenciaram. Foi um tempo bom, cheio de realizações e de acontecimentos épicos. Mas, como tudo passa, também isto já é passado. Vejamos o carpe diem de hoje.

GMS – O senhor durante muitos anos teve uma vida ativa em instituições culturais da cidade, foi membro da Comissão de Voluntários do Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) e diretor do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) e Biblioteca Municipal Rolf Colin. Também foi membro do Conselho Municipal e Estadual de Cultura. Como eram as estruturas conselhistas no período da sua atuação? O que precisamos melhorar nas políticas públicas da Cultura, na cidade e no estado? Como foram essas experiências? Existia à época uma maior valorização da cultura na cidade?

AT - Sim, ocupei muitos cargos na vida cultural de Joinville. E estive também no Conselho estadual de cultura. Havia maior participação da sociedade, não do povo. Este nunca teve tempo para pensar ou viver a cultura. Não devemos esquecer que Joinville é uma cidade de operários e de salários pequenos. Bem abaixo do que se imagina. Mesmo assim, foram criados eventos que se destacaram, como o Festival de Danças, a Feira do Livro, os museus funcionavam e os artistas se movimentavam. Tínhamos galerias de arte, exposição coletiva anual dos artistas plásticos, depois da

biblioteca, que detinha o maior acervo de livros de Santa Catarina, foram criados a Casa da Cultura, o Museu do Sambaqui, o de Arte Moderna e o Fritz Alt. Chegou o Bolshoi. E, depois, veio o que temos hoje, quase tudo parado, sem vida espiritual, sem criação, sem apoio do poder público ou da iniciativa privada. Mas já foi pior, houve tempo em que os telhados desabavam sobre as instituições.

Figuras 17 e 18 – Imagens dos livros: Sociedade Cultural Lírica (1922/1992), Ipiranga, 1992 e Carlos Gomes de Oliveira, dossiê dos 100 anos, 1996, UFSC.



Fonte: <https://apolinarioternes.com.br/>

Giane Maria de Souza

Doutora em história pela UFSC, especialista cultural, educadora do AHJ.

GMS – Como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), o senhor contribuiu para o registro e a salvaguarda de documentos e da história dos intelectuais. Quais os principais nomes e trabalhos desenvolvidos pelo IHGSC que podem auxiliar a pensar a história do estado?

AT – Do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a instituição cultural mais antiga do Estado, criada em 1896, tenho a honra de ser sócio emérito. Fui acolhido em 1991, e, em 2005 recebi a Comenda Joaquim Manoel de Almeida Coelho, que é outorgado apenas a um nome a cada ano. No mesmo ano de 2005, também fui agraciado com a Medalha Anita Garibaldi do governo de SC e recebi o título de Cidadão Honorário de Joinville. De fato, tudo isso me engrandece e me orgulha muito.

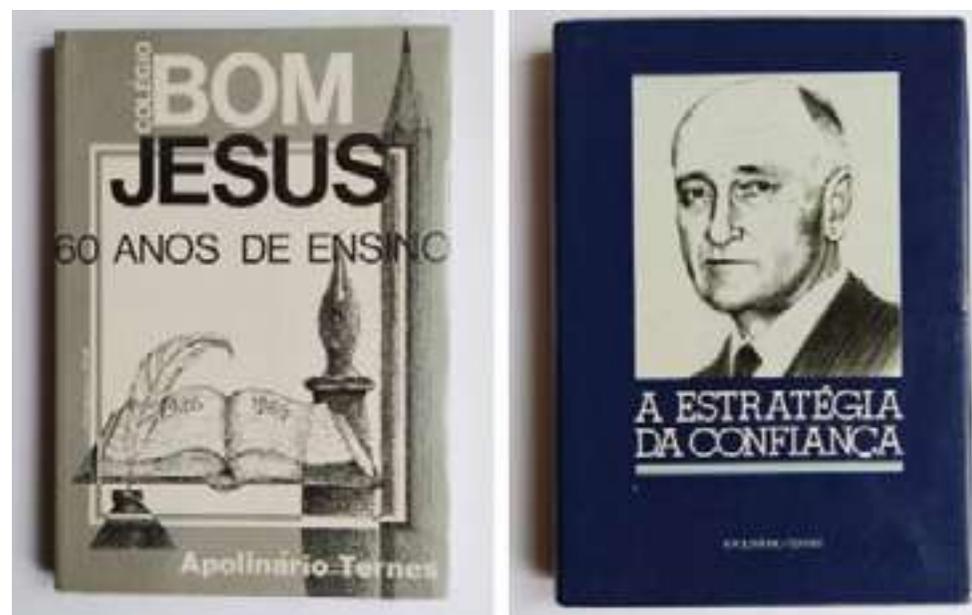
O Instituto Histórico e a Academia de Letras de SC, do qual participo, desde o ano de 2018, ocupando a cadeira número 8, a mesma que pertenceu ao senador Carlos Gomes de Oliveira, também de Joinville, ocupam lugares únicos na cena cultural de Santa Catarina. São instituições que estão se renovando e modernizando, inclusive com reuniões por via digital. É muito gratificante participar de seus trabalhos.

GMS – O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) completou 50 anos no dia 20 de março de 2022. Qual é a importância do AHJ para o patrimônio histórico e arquivístico brasileiro?

AT – O Arquivo Histórico de Joinville, que acaba de completar 50 anos de existência, tem lugar único no cenário cultural de Joinville. É um dos mais ricos do país, em matéria de reunir e preservar um colossal conjunto de documentos originais,

fotografias, mapas e coleções de jornais do século 19 e 20, inclusive a única coleção completa do jornal fundado por Ottokar Doerffel, em 1862 e que perdeu por 80 anos, até 1942. Sua continuidade, sua organização e seus serviços de atendimento ao público, de restauração de documentos e de pesquisa histórica são notáveis e maravilhosos. Um tesouro, um tabernáculo da cidade.

Figuras 19 e 20 — Imagens dos livros: Bom Jesus – 60 anos de ensino, 1926/1986, Meyer, 1986, e A Estratégia da Confiança (Tupy 50 anos), Círculo do Livro, 1988



Fonte: <https://apolinarioternes.com.br/>

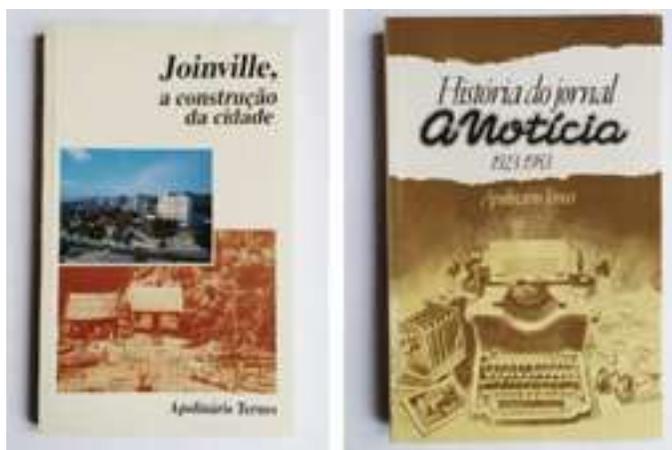
Giane Maria de Souza

Doutora em história pela UFSC, especialista cultural, educadora do AHJ.

GMS – O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) completou 50 anos no dia 20 de março de 2022. Qual é a importância do AHJ para o patrimônio histórico e arquivístico brasileiro?

AT – O Arquivo Histórico de Joinville, que acaba de completar 50 anos de existência, tem lugar único no cenário cultural de Joinville. É um dos mais ricos do país, em matéria de reunir e preservar um colossal conjunto de documentos originais, fotografias, mapas e coleções de jornais do século 19 e 20, inclusive a única coleção completa do jornal fundado por Ottokar Doerffel, em 1862 e que perdurou por 80 anos, até 1942. Sua continuidade, sua organização e seus serviços de atendimento ao público, de restauração de documentos e de pesquisa histórica são notáveis e maravilhosos. Um tesouro, um tabernáculo da cidade.

Figuras 21 e 22 — Imagens dos livros: Joinville, a construção da cidade (CEAJ) Gráfica Bartira, 1993 e História do Jornal A Notícia 60 anos, Meyer, 1983



Fonte: <https://apolinarioternes.com.br/>

GMS – A cidade de Joinville, enquanto objeto dos seus estudos, se desenvolveu muito nas últimas décadas, mas ainda possui muitos problemas e desafios. Como pensar a interlocução do passado, presente e futuro da cidade?

AT – Não sou dos mais otimistas quanto ao futuro de Joinville. A cidade perdeu sua identidade, sofreu os abalos de um crescimento desordenado e, como quase todo o país, vive um período de crise de liderança. Não temos políticos representativos, não temos uma voz no meio empresarial, os artistas estão desaparecendo, o meio estudantil não é mais o mesmo, a própria universidade se encolheu e nada sabemos dela. Nem mesmo se existe em algum lugar. Assim como desapareceu por completo a mídia de Joinville. O que fazer então? Qual o nosso futuro? São os efeitos da globalização e da pandemia cultural em que o mundo se meteu. Será interessante acompanhar os próximos anos. Nem sabemos o que será feito da História e qual o destino dos papéis, dos mapas, das fotografias hoje reunidas no Arquivo Histórico. Apesar da velocidade de tudo, até da guerra no leste europeu, o futuro deve reservar belas surpresas aos que estão vindo. Gostaria de ter 12 anos, e não 72 como de fato tenho. Obrigado.

A photograph of a modern building at night, illuminated by warm lights. In the foreground, there is a large, white, abstract sculpture. The building has large windows and a brick-like facade. The overall atmosphere is artistic and contemporary.

Educação Patrimonial e Difusão Cultural



O retorno das visitas escolares no AHJ

O retorno das visitas escolares no AHJ

No dia 8 de março de 2022, o setor educativo do AHJ recebeu uma turma do Ensino Médio da Escola Adventista, sob a coordenação da professora de História Mariana Gouveia. Na visita os alunos tiveram a oportunidade de conhecer diferentes tipologias de fontes históricas e refletir sobre a escrita da história e os métodos de interpretação e pesquisa de acervos arquivísticos.

Figura 23 — Alunos analisam o acervo da hemeroteca e iconográfico



Fonte: Giane Maria de Souza

Figuras 24 e 25 — Alunos analisam o acervo da hemeroteca e iconográfico



Fonte: Giane Maria de Souza

O retorno das visitas escolares no AHJ

Figura 26 — Alunos observam antiga exposição sobre a técnica construtiva enxaimel



Fonte: Giane Maria de Souza

Figuras 27 e 28 — Alunos observam e exibem o acervo pesquisado, monitoria da educadora Giane M. de Souza



Fonte: acervo de Mariana Gouveia

O retorno das visitas escolares no AHJ

Figuras 29 e 30 — Alunos observam o acervo, monitoria do coordenador Dilney Cunha



Fonte: Mariana Gouveia

Figura 31 — turma do Ensino Médio da Escola Adventista



Fonte: Cátia Hoedecker

O retorno das visitas escolares no AHJ

Ainda no dia 8 de março, período noturno, o setor de Educação do AHJ recebeu o Curso de Publicidade e Propaganda do Ielusc, visita coordenada pela professora Patrícia Villar. O tema da visita ao AHJ foi A imagem e as fontes históricas.

Figura 32 – Imagem da turma de Publicidade e Propaganda do Ielusc



Fonte: Acervo pessoal de Patricia Villar

Figura 33 – Imagem da turma de Publicidade e Propaganda do Ielusc



Fonte: Acervo pessoal de Patricia Villar

A person wearing a white lab coat is standing in front of a modern building at night. They are holding a smartphone in their hands. The building has large windows and a brick facade. The scene is illuminated by warm, orange-toned lights, possibly from the building or streetlights. The overall atmosphere is professional and modern.

Divulgação científica do AHJ

Divulgação científica do AHJ

Figura 35 — Convite para a Mesa Redonda 50 anos do Arquivo Histórico de Joinville: história, memória e cidade



Fonte: acervo do AHJ

No dia 24 de março de 2022, ocorreu a Mesa-redonda “50 anos do Arquivo Histórico de Joinville: história, memória e cidade”, com a presença das professoras Ilanil Coelho (Univille), Janine Gomes de Silva e do coordenador do Arquivo, Dilney Fermino Cunha, com a mediação da historiadora Arselle de Andrade da Fontoura (AHJ).

O evento contou com a presença de um público representativo, mais de 100 pessoas, entre ex-funcionários, acadêmicos de diversas instituições universitárias, pesquisadores, professoras e amigos do AHJ. Ilanil Coelho foi diretora do AHJ nos anos 90 e Janine Gomes da Silva foi historiadora concursada da instituição. As duas professoras abordaram as suas trajetórias e seus afetos, os trabalhos técnicos e as suas experiências profissionais no AHJ junto com pesquisadores, professores e comunidade.

Divulgação científica do AHJ

Figuras 36 e 37 — Imagens panorâmicas do público presente na mesa redonda



Divulgação científica do AHJ

Figuras 38 e 39 — Professores da Univille com a ex-diretora do AHJ Ilanil Coelho e a historiadora Arselle com ex-funcionárias do AHJ



Fonte: Elisangela da Silva



Fonte: Elisangela da Silva

Divulgação científica do AHJ

Figuras 40, 41 e 42 — Janine, Elisangela, Arselle, Bia, Judite e Terezinha e as redes de afetos do AHJ



Fonte: Acervo AHJ





Arquivo Histórico 50 anos

Arquivo Histórico 50 anos

Figura 43 — Equipe técnica do AHJ e CBPC nos preparativos para as comemorações do AHJ



Fonte: acervo pessoal Arselle Fontoura

Figura 44 — Edson Machado na comemoração dos 50 anos do AHJ



Fonte: Gabriel Bazt

Arquivo Histórico 50 anos

Figuras 45, 46, 47, 48, 49 e 50 — Técnicos do AHJ com pesquisadores, ex-gestores, gestores, professores e amigos da instituição



Fonte: Gabriel Bazt

Arquivo Histórico 50 anos

Figura 51 — Equipe do AHJ com o Cônsul da Alemanha de Porto Alegre e o Cônsul Honorário Rodrigo Bornholdt



Fonte: Cátia Hoedecker

A photograph of a modern building at night, illuminated with warm, orange-toned lights. The building features large windows and a prominent vertical slatted structure. In the foreground, a person wearing a white lab coat is partially visible, looking towards the building. The overall atmosphere is quiet and professional.

Professores e o Arquivo



landra Pavanati

landra Pavanati

A professora landra Pavanati sempre prestigia todas as atividades educativas e comemorativas do Arquivo Histórico. Nos dias 20 e 24 de março trouxe seus alunos e nos presenteou com alguns depoimentos.

Relato sobre a visita da turma de Pós-Graduação em Metodologias Ativas e Educação 4.0 da Faculdade Guilherme Guimbala - FGG ao Arquivo Histórico de Joinville, no dia 20/03/22, solenidade de comemoração dos seus 50 anos

Figura 53 — Imagem da turma da professora landra Pavanati



Fonte: Gabriel Bazt

A participação no último dia 20 de março de 2022, da solenidade alusiva aos 50 anos do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ, foi uma oportunidade a mais na formação e desenvolvimento dos profissionais pós-graduandos em Metodologias Ativas e Educação 4.0 da Faculdade Guilherme Guimbala – FGG. Por meio da vivência apresentada em todos os relatos das autoridades ali presentes sobre o valor e a importância do AHJ para a cidade de Joinville e também para o Estado de Santa Catarina, para o país e também internacional, posto que é uma instituição de guarda dos documentos acerca da imigração europeia do início da formação da Colônia Dona Francisca. Além disso, o AHJ permite aos cidadãos o reconhecimento de sua pluralidade identitária, ao salvaguardar os registros da presença indígena pré-colonial da região, passando pelos inúmeros povos que por aqui estiveram e estão, nos permitindo conhecer algumas de suas ações e revelando invisibilidades. Foi muito importante para todos nós a entusiasmada visita ao acervo, tão carinhosamente cuidado por profissionais dedicados e, sobretudo, comprometidos com essa riqueza que são todos os documentos de nossa vida, de nossa existência. Somos muito gratos! landra Pavanati

landra Pavanati

Figura 54 — Henrique Nepomuceno.



Fonte: Acervo pessoal de Henrique Nepomuceno.

A visita ao arquivo histórico de Joinville em sua comemoração dos 50 anos foi mágica! Em uma sociedade em que a nova geração preza pelo imediato e as lembranças se perdem em questão de semanas, valorizar a memória é essencial! A apresentação dos materiais foi realizada com riqueza em detalhes, junto ao cuidado e encantamento que fizeram parte da trajetória. Ressalta-se também a presença de muita arte, bem como o enaltecimento da importância de uma cultura rica em recordar! Henrique Nepomuceno.

Relato sobre a participação das turmas do curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Santo Antônio – INESA, na Mesa redonda: “50 anos do Arquivo Histórico de Joinville: história, memória e cidade”, no dia 24/03/22

Figura 55 — Imagem da turma da professora landra Pavanati



Fonte: acervo pessoal de landra Pavanati

landra Pavanati

Tão alegre surpresa tiveram nossos acadêmicos de Pedagogia, quando numa chuvosa noite joinvilense foram muito carinhosamente recebidos pelos profissionais do AHJ, que, mesmo com lotação máxima, superaram-se para dar conforto a todos e proporcionar a participação nessa que, para muitos acadêmicos iniciantes, foi a primeira mesa redonda de sua vida. E quanto interesse despertaram os relatos dos professores Dilney Cunha, Ilanil Coelho e Janine da Silva sobre tantas experiências vivenciadas neste espaço de memórias. Despertou o desejo de muitos por revisitar o passado, seu e da cidade, por buscar entender quem somos, quem esteve aqui antes de nós e como podemos nos construir a partir desse conhecimento. Portanto, creio que o arquivo receberá muitas visitas em breve. Parabéns e obrigada! landra Pavanati.

Figura 56 — Imagem da turma da professora landra Pavanati



Fonte: acervo pessoal de landra Pavanati

A photograph of a modern building at night, illuminated with warm orange and red lights. The building features large windows and a prominent white sculpture in the foreground. The sculpture is a large, abstract, white, curved form, possibly a piece of art or a decorative element. The overall atmosphere is artistic and contemporary.

Artefato Cultural



Aquarela de Raul Walter da Luz

Aquarela de Raul Walter da Luz

Figura 57 – Capa: Aquarela em papel 100% algodão, 300 gramas, produzida por Raul Walter da Luz, dimensões 30 x 40 cm, feita em plein aier, executada no local. Fonte: Acervo Raul Walter da Luz

O nosso artefato cultural do Boletim n. 20 é a aquarela do arquiteto e urbanista Raul Walter da Luz, amigo do arquivo histórico e um defensor do patrimônio cultural. Formado em 1988 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Porto Alegre, atua há mais de 30 anos com restauro e conservação de patrimônio cultural protegido. Foi coordenador da Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC) de 2006 a 2016. Aquarelista com uma série de obras em desenhos urbanos. Contato por e-mail: restauro.rwl@gmail.com

A photograph of a modern building at night, illuminated with warm, orange-toned lights. The building features large windows and a prominent concrete pillar. In the foreground, a large, white, crumpled envelope is visible, suggesting the theme of documents or research. The overall atmosphere is quiet and scholarly.

Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ



Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville

Janine Gomes da Silva

Professora, graduada em História, mestra em História (UFSC) e doutora em História (UFSC).

RESUMO

Estudo sobre a história da cidade de Joinville enfatizando dois momentos significativos da história local: os preparativos do primeiro Centenário da cidade que foi comemorado em 1951 e o período da Campanha de Nacionalização (1938-1945). Os anos posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial são importantes na ressignificação da imigração para a história da cidade. O “tempo” do Centenário é um tempo lembrado e muito festejado, pois, no pós-guerra, boa parte da sociedade local preparou (desde 1946) os festejos do seu primeiro centenário, marcando uma profunda relação entre as imagens da cidade e a preservação de uma memória a ser (re)construída e (re)significada. O Centenário, amplamente comemorado em 1951, fortaleceu os laços com uma história pretérita, do tempo da colonização e dos imigrantes “pioneiros”. As histórias sobre o tempo da Nacionalização são inúmeras, especialmente, as relacionadas à proibição do uso do idioma alemão. As consequências deste fato tiveram vários desdobramentos, porque a cidade, até então, costumava ter seus referenciais pautados na sua “origem étnica”, fruto da importância da imigração alemã no decorrer do século XIX. Todavia, se a princípio, em Joinville, o período da década de 1930 e meados da década de 1940 (quando a questão da valorização/desvalorização da “cultura germânica” foi utilizada politicamente) se apresenta como um “tempo de esquecer”, marcado por experiências impregnadas de tensões étnicas, ao mesmo tempo, sinaliza para outras questões, que compreendemos serem valiosas para entendermos o legado do significado da imigração para a história local. Uma história da imigração que foi amplamente rememorada durante as comemorações do primeiro Centenário da

cidade. As histórias sobre aqueles “tempos” foram perscrutadas a partir de dois tipos de memórias: uma publicizada através da imprensa e das realizações da Sociedade Amigos de Joinville – SAJ, portanto uma memória “mais masculina”; e, através das narrativas orais, especialmente de mulheres, na perspectiva de evidenciar algumas memórias “femininas”.

Palavras-chave: Joinville, Sociedade Amigos de Joinville, Centenário, Nacionalização, memória, memória feminina.

Fonte: SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer...** As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/PPGH, 2004. p. 307. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86986?show=full> Acesso em: 30 mar. 2022.



Memória do Boletim



Subsídios históricos - tradução

Rosa Herkenhoff, coordenação e tradução

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 9 de setembro de 1865, referente ao alistamento de voluntários para a Guerra do Paraguai:

Dona Francisca: - À Frente, Voluntários! Em fevereiro deste ano, o sr. Wilhelm Hoffmann propôs ao Governo formar, sob determinadas condições, uma corporação de voluntários alemães da Colônia. Parece ter chegado o momento em que esta oferta será aceita e, como ajuda rápida é dupla ajuda, será aconselhável que aqueles que pretenderem seguir, se apresentem imediatamente e fiquem de prontidão.

Notícia de 23 de setembro de 1865:

Proclamação!

Homens e Jovens da Colônia!

Sua Excelência, o Presidente da Província de Santa Catarina aprovou, a 16 do corrente, a organização de um contingente de voluntários, sob as ordens de oficiais alemães, declarando que ficaria muito satisfeito se o número de voluntários alemães da Província fosse suficiente para a formação de um batalhão puramente alemão. Este contingente, aqui formado, será considerado um Batalhão de Caçadores e receberá, além do completo uniforme, equipamentos e armas à “MINIE”. O engajamento e a uniformização, assim como os primeiros exercícios, terão lugar aqui mesmo. Gozarão de todas as regalias concedidas a todos os voluntários pelo decreto de 7 de janeiro deste ano, e o comando, bem como todo o serviço interno,

serão efetuados em língua alemã. O soldo de cada voluntário, acrescido de abono, importa em 808 Réis diários, desde o dia de engajamento. Para aqueles que desejarem mandar entregar parte ou o total de seu soldo às suas famílias, este estará sempre à disposição na Mesa de Rendas em São Francisco.

O abaixo assinado, incumbido da organização do contingente, apela a todos os homens válidos alemães da Colônia, bem como aos que residem fora do Distrito, entre 18 e 50 anos de idade, que se apresentem, podendo fazê-lo, diariamente, entre às 8 horas da manhã e às 6 horas da tarde. No entanto, os que não puderem ou não quiserem atender a este apelo, não devem dificultar a decisão daqueles que pegarem em armas, dissuadindo-os ou removendo-os de sua intenção, mas ao contrário, devem auxiliar com as suas forças, pois trata-se da causa comum do País, uma causa que é também a sua e da qual nenhum homem de bem se esquiva, com desculpas vazias.

Colônia Dona Francisca, 20 de setembro de 1865.

Fonte: HERKENHOFF, Rosa. Subsídios históricos - tradução. *In: Boletim do Arquivo Histórico de Joinville*. PMJ/FCJ. Joinville/SC: AHJ. Jlle. vol.1, n. 5, jun. 1984.

A photograph of a modern building at night, illuminated with warm, orange-toned lights. The building features large windows and a prominent white paper object, possibly a large envelope or a piece of art, in the foreground. The overall atmosphere is artistic and contemporary.

O Arquivo e a Cidade



Visitas técnicas no AHJ

Giane Maria de Souza

Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora do AHJ.

Figuras 58 e 59 — Recepção do primeiro grupo a realizar visita no acervo permanente do AHJ, 20/03/2022



Fonte: acervo do AHJ e Thaina Camila Tambosi.

No dia 20 de março de 2022, tivemos uma grata surpresa nas comemorações dos 50 anos do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ): uma forte procura da comunidade para visitar o seu acervo permanente. Essa alta procura para conhecer o AHJ fortaleceu a reivindicação coletiva da equipe técnica do AHJ para que a Secretaria de Cultura e Turismo (Secult), por meio da Prefeitura de Joinville, mantenha a instituição aberta nos fins de semana. Os técnicos fizeram uma proposta para a direção executiva e gerência de museus e patrimônio, para que o AHJ abra aos sábados para que os pesquisadores que trabalham em horário comercial nos dias úteis, sobretudo conforme o cronograma do projeto Pesquisa em Evidência, coordenado pela historiadora Arselle de Andrade da Fontoura, e também aos domingos, pois o AHJ poderia ser mais um equipamento cultural disponível para a visitação pública no roteiro turístico da cidade. Esta proposta está sendo analisada pela Gerência de Patrimônio e Museus – Secult.

Giane Maria de Souza

Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora do AHJ.

Figuras 60, 61, 62, 63 e 64 — Imagens das visitas ao acervo permanente



Fonte: Gabriel Bazt.

A photograph of a modern building at night, illuminated with warm, orange-toned lights. The building features large windows and a prominent vertical slatted facade. In the foreground, a person is seen from behind, wearing a light-colored jacket and a dark hat, looking towards the building. The overall atmosphere is serene and contemporary.

Aconteceu em Joinville



Você já foi ao cinema este mês?

A photograph of a modern building at night, illuminated by warm lights. The building features a mix of brick and concrete. In the foreground, a large white paper bag is visible, partially obscuring the view of the building. The text "Por Dentro do Acervo" is overlaid in white, bold font.

Por Dentro do Acervo



Descrição do acervo:
DOCUMENTO DE TERRA

Idioma: alemão / português
Kaufbrief (Documento de compra de lote de terra)
No. 1, localizado na “Matthiasstrasse” (Rua Matthias), em nome de J. W. Ebert
Fundo Domínio Dona Francisca
Subfundo: Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo
Série: Concessão de Lote de Terra

A photograph of a modern building at night, illuminated by warm lights. The building features a mix of brick and concrete, with large windows and a prominent white sculpture in the foreground. The sculpture is a large, abstract, white figure that appears to be a stylized human form or a piece of art. The overall atmosphere is artistic and contemporary.

Expediente

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville.

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville. Vol. XVI, n. 20, abr., mai./jun., 2022

Prefeitura Municipal de Joinville

Adriano Bornschein Silva

Prefeito

Rejane Gambin

Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo

Guilherme Augusto Gassenferth

Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen

Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga

Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha

Coordenador

Corpo Funcional

Amauri de Oliveira Prado

Ana Rita Uliano da Silva

André Felipe Meyer

Arselle de Andrade da Fontoura

Cátia Regina Hodecker

Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske

Elisangela da Silva

Fernanda Pirog Oçoski

Gabriel Pavesi Goudard

Gerson Luiz Santana

Giane Maria de Souza

Janice Garcia

Leandro Brier Correia

Luis Paulo de França

Nelson Berndt

Nívea Giovanella Reinert

Rodrigo Boçoen

Expediente

Organização e coordenação do Boletim do AHJ

Giane Maria de Souza

Revisão

Giane Maria de Souza (AHJ)

Nelson Berndt (AHJ)

Emanuelle Torres (Secult)

Celiane Neitsh (Arte na Cuca)

Design Gráfico e Editoração

Walmer Bittencourt Júnior

Celiane Neitsch

Apoio Cultural

Arte na Cuca - Informação, Educação, Cultura e Arte

www.artenacuca.com.br

contato@artenacuca.com.br

artenacuca.com.br

Arquivo Histórico de Joinville (Secretaria de Cultura e Turismo)
Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguacu, Joinville - SC - CEP: 89221-005
Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329
E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

